

HISTÓRIA E LITERATURA: A IMAGEM DA INDÍGENA EM UBIRAJARA

Guilherme Griesang
Job Lopes

Introdução

Este artigo analisará a literatura como modeladora do pensamento de época, e sua interação com a história, sendo a mesma representação fiel ou não de acontecimentos, trabalhando com obras fictícias do romantismo brasileiro, especificamente a obra Ubirajara do autor José de Alencar, pretendo traçar uma problemática que nasceu junto do “herói” brasileiro, com as raízes do nacionalismo se entrelaçando, a criação da identidade nacional se fortalecia, mas isso tudo realmente corresponde com o indígena da época? Trazendo por último um movimento atual que se contrapõem a falsa identidade criada pela sociedade e aos estereótipos que a mesma carrega.

No século XIX surge uma literatura chamada romantismo indianista, ou indianismo, trata-se de uma idealização do indígena, essa característica é uma unicamente, é um aspecto pertencente à literatura nacional e ao movimento Romantismo, exaltava então o nativo e por meio deste pretendia criar um herói nacional que convergia com a criação de uma identidade brasileira, em meio ao recente império-nação que se formava, o motivo pelo qual se elege o indígena como representante é que, dentre todas as etnias presentes neste território, somente ele era natural, sendo o branco colonizador, os negros traficados, ao mestiço pouco se referia, e demais etnias apenas foram “importadas”, mesmo assim vindo a serem representados no mais tardar, porém para que houvesse reconhecimento no indígena, era necessário mudar o seu perfil, afinal sua “banalidades” não se encaixavam com a “civilização”, se fez necessária uma maquiagem que fizesse o perfil da nobreza da época, onde as mulheres se ardessem em reconhecimento pelas formosas damas indígenas e os homens se fascinassem com a valentia dos guerreiros, heróis estes que protagonizam os livros de uns dos mais importantes escritores brasileiros, José de Alencar assim escreve Ubirajara, obra que fica memorável para o período.

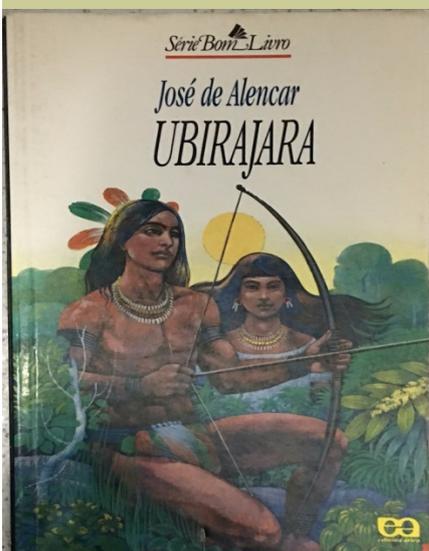
Ao compreender os laços entre literatura e história, notaremos alguns pontos que tornam ambas semelhantes e diferentes, e principalmente, alerta para o perigo de se romantizar algo real, pois como ao exemplo de Alencar, essa imagem romantizada pode se tornar a imagem do imaginário coletivo.

Para o historiador polonês Bronislaw Baczko, o imaginário social pode ser compreendido como um conjunto de representações

coletivas associadas ao poder. Nesse sentido, o autor destaca a natureza política do imaginário social, marcado por um conflito que busca a apropriação e utilização das representações coletivas.(...) A representação, elemento fundamental do imaginário social, que o transporta do universo simbólico para o mundo social, é analisada por Chartier como um conjunto de classificações, divisões e hierarquizações que definem a compreensão do mundo social a partir de orientações dos grupos ou classes sociais, ou suas frações, variáveis de acordo com a posição de cada um em determinados espaços da sociedade (MAGALHÃES, P. 12, 2016).

O imaginário social, ou imaginário coletivo, refere-se aos âmbitos culturais de cada sociedade, acima de tudo, são os meios que levam uma sociedade a valorizar seus aspectos e a se diferenciar dos outros, criando assim a dicotomia do "eu" e do "outro", este imaginário é reforçado por vários pontos e se torna popular, neste caso específico, os romances Indianistas criaram certas identidades, ou seja, agregaram características aos indígenas, cujo a sociedade que os leu os incorporou como "real" à sua imaginação, deste modo o imaginário social cria uma identidade para si e para o outro, aplicando estes parâmetros, os romances indianistas identificam o indígena com propriedades da sociedade que o engloba, porém esta identidade de herói-nacional não é adotada pelos nativos, mas fez parte do imaginário coletivo.

Reflexo de um romance



Fonte: Capa do livro Ubirajara de José de Alencar em 2000.

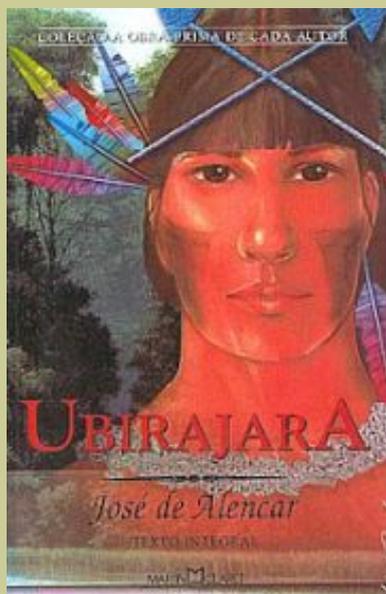
Em Ubirajara nos deparamos com um indígena puro, que ainda não se mesclou com os colonizadores, num esquema que prolonga entre relatar os costumes e a cultura, aparece a jovem Araci que é filha do líder da tribo Tocantins, ela é disputada como prêmio por duzentos guerreiros, mesmo que o duelo seja proposto pela mesma, mostra a jovem como um troféu, criando de início uma imagem de uma mulher corajosa e difícil, porém ao invés de recusar a todos, aceita um pretendente sem delongas, contanto que ele assim dispute e a ganhe, feito realizado por Jaguarê/ Ubirajara, no entanto, ao momento em que se revela um Araguaia, e por sua vez inimigo dos Tocantins, se inicia uma guerra, mas antes desta guerra ocorrer, surge uma terceira tribo denominada Tapuias, que por direito guerreiam primeiro contra os Tocantins onde o chefe Itaquê vence o chefe inimigo, porém fica cego, não podendo assim liderar adiante, para que haja um sucessor os guerreiros devem dobrar o arco de Itaquê e fazer um disparo com o mesmo, todos guerreiros falharam exceto Ubirajara, que ao unir as duas tribos se torna líder da tribo Ubirajara, se casando com Araci e com Jandira (uma antiga pretendente).

O que se reflete da obra é a imagem de um indígena bom, a imagem do "bom selvagem" contrastava com o nativo relatado pelos missionários jesuítas, que correspondia à imagem adotada pela sociedade até então, deste modo a obra é visionária, pois traz uma nova visão sobre os povos que aqui habitavam, a história contada em Ubirajara supõe problemas e soluções clássicas de um romance europeu, contendo a divisão de amores, a idealização da mulher, o homem bravo e disposto a tudo para conseguir a amada, realiza grandes feitos e é honrado, enquanto a mulher, mero papel de ser bonita e virgem, fazia jus à época das moças nobres que se recatavam ao lar e a ser prendada nas artes domésticas ao que lhe cabia como padrão de estilo, nobreza e classe, este mesmo padrão levado ao indígena o torna a imagem de um "nobre" europeu:

Em frente aparece Araci, a estrela do dia, que há de ser o prêmio da constância e fortaleza do mais destro guerreiro. Jacamim acompanha a filha; nesse momento remoça com a lembrança do dia em que Itaquê a conquistou, lutando com os mais feros mancebos tocantins. [...] É a única das festas guerreiras, em que o rito de Tupã consente a presença das mulheres, porque trata-se de sua glória. Contemplando o esforço heroico dos mais nobres guerreiros para conquistar a formosura de uma virgem, as outras virgens aprendem a prezar a castidade, e as esposas se ufanam de guardar a fé no primeiro amor (ALENCAR, p. 43, 1998).

Nesses trechos podemos ver algumas relações romantizadas que são características do Romantismo, pertencente ao movimento, Alencar não poderia fazê-lo diferente, e mesmo que o conseguisse, ainda sim não seria representação fiel do indígena brasileiro, deixa claro então que tais relações romantizadas não são pertencentes ao autor e sim ao Romantismo, como tais relações não se diferenciam do padrão europeu, acaba por se descrever a cultura indígena com aspectos eurocêntricos, entre estes aspectos um dos mais frequentes se refere a castidade e ao casamento, valor este frequentemente

colocado pela religião Cristã e pela sociedade europeia em seus demais domínios na época, como eventualmente na sociedade brasileira, porém ao final do livro, temos um casamento poligâmico, cogito que seja uma forma de resistência à totalidade dos padrões, afinal não é um final comum entre os romances.



Fonte: Capa do livro Ubirajara de José de Alencar

A representação romantizada não aparece somente para a mulher, sendo o homem um herói voraz, repleto de honra e princípios, carregado de aspectos europeus, porém ainda um pouco selvagem, realizando suas guerras por território e agindo com enorme brutalidade, afinal se trata da criação de um herói nacional, necessário para a nobreza da época, seus aspectos alterados não são muito drásticos quanto aos da mulher, afinal estes papéis (homem guerreiro e mulher bonita) já foram e são ainda muito utilizados nas literaturas, porém creio que quanto ao sufocamento de identidade, as mulheres saíram ridicularizadas, como se já não fosse ultrajante suportar a sua sociedade machista, ainda foram meramente representadas na literatura, e menos ainda cativadas pela sociedade exterior.

A ideia do "bom indígena" assegura que este adquira características "civilizadas" que era o que se esperava desses povos na época, que estes se tornassem o reflexo da sociedade ocidental, e se mestiçasse até suas características étnico-raciais desaparecessem, o que claramente não ocorreu devido à resistência indígena, que ainda hoje lutam para conquistar as terras que nunca foram de outras pessoas; ou seja, além de apagar a real identidade indígena e força-los a se tornarem cidadãos "civilizados" o autor destina a mulher indígena, com todos seus aspectos romantizados, uma mulher feita apenas para as vontades masculinas, exemplo atribui-las características domésticas, sendo que esta separação de trabalho ocorre poucas vezes no cenário indígena.

No entanto, não poderíamos culpar Alencar por uma representação machista ou que reforçasse estereótipos, não poderia o mesmo ocupar sua obra com ajustes feministas, mesmo que a primeira onda do feminismo já estivesse ocorrendo, as discussões sobre a representação feminina viriam com a segunda onda quase um século depois de Ubirajara, então esperar tal postura deste escritor seria anacronismo, pois atribuiria assim qualificações de um escritor de nossa atualidade, o mesmo em seu tempo não poderia assumir tais características, afinal tais conceitos e lutas não pertencem ao mesmo tempo, Alencar se faz assim inocente de atribuir um papel machista na representação da mulher indígena, mesmo que o tenha feito.

Acredito ainda que possamos considera-lo culpado por modificar a imagem do indígena selvagem e por disseminar características e aspectos eurocêntricos na vivência destas sociedades, entretanto pode-se considerar tal julgamento com o preceito do Romantismo, afinal como poderia este autor fugir de seu movimento e retratar fielmente imagens destes povos, sequer conseguiria sem atribuir uma etnografia treinada.

Literatura e história

Ao se falar de identidade nacional, surge sempre as narrativas de memória coletiva que embasam as mesmas, a necessidade de se criar uma identidade para a nação aparece no Brasil logo após a sua independência, durante o século XIX a literatura brasileira tratou-se de criar uma identidade nacional, ao qual consiste pontos de reconhecimento entre a população, são fatores que nos unem e nos diferenciam das demais nações, ocorre assim uma valorização da tradição, e o surgimento de definição do grupo, através das narrativas de memórias coletivas:

Na tradição metodológica durkheimiana, que consiste em tratar fatos sociais como coisas, torna-se possível tomar esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais (POLLAK, p.05, 1989).

As memórias coletivas, como comentado por Pollak delimitada o pertencimento e principalmente classifica e diferencia, cria-se as fronteiras entre o nosso e o outro, sendo comum no caso do nacionalismo, uma supervalorização de uma tradição e a desvalorização ou até mesmo a criação de estereótipos, em base, as narrativas constroem as memórias coletivas que em alguns casos delimitam as fronteiras entre o "eu" e o "outro", noções estas que se fazem presente no imaginário comum desde as delimitações entre o romano e o bárbaro.

Tratando-se de outros países, uma memória coletiva poderia se fortificar com uma guerra, os vencedores se felicitariam, os perdedores entrariam em remorso, de maneira a se agregar e delimitar ainda mais quem são seus inimigos, fortificando sua identidade, cruelmente o nacionalismo se trata de incumbir a diferença entre os povos, como no caso alemão, derrotados na primeira guerra se remoem até a sua revanche, no entanto havia mais de um povo na Alemanha que são os judeus, tratou-se assim de diferencia-los e expurga-los, no pensamento nacional, eles não são alemães, foi fácil para Hitler forjar o endurecimento do sentimento nacional para consolidar o nazismo, porém diferente da falsa identidade que "uniu" os povos europeus, temos na América Latina, uma diversidade nascida da colonização.

Assim as narrativas se ocupam de nos proporcionar a identidade, porém surgem problemáticas ao se valorizar diferentes tradições, são incontáveis as diferenças linguísticas, étnico-raciais, religiosas e culturais entre os povos que aqui coexistem e traçar uma identidade comum e especificamente nacionalista se faz um ultraje as características destes povos, arrisco-me a acreditar que o amor pela pátria surgiu de maneira eficaz, mas a criação de uma identidade nacional falhou miseravelmente, entretanto ainda há uma visão nacional que se fez eficaz, aquela que nasce com os modernistas em meados do século XX, a valorização dos diversos traços brasileiros nos trás o fascínio pela diversidade de nossos povos, justamente o que se cria na obra Macunaíma de Mario de Andrade, desta maneira pode-se criar uma nação multicultural, que enfrenta os problemas de xenofobia atuais de nosso país.

Sobre Ubirajara, que consiste na representação do indígena puro em seu ambiente costumeiro, sem intervenção alguma das demais sociedades, representaria então o indígena, sua sociedade e sua cultura, e de fato, se fala muito em aspectos únicos de sua identidade, contudo sua identidade verdadeira fora sobrepujada pelo "bom selvagem" permanecendo a representação heroica e romantizada, fez-se assim a ligação entre uma narrativa de identidade comum usando o indígena como percursos, representando algumas ligações que se fazem entre a literatura e a história, seja para criar uma identidade nacional como no Romantismo ou para se criticar como no Realismo:

Tanto a história quanto a literatura tem como objeto final, como seu "produto" final uma narrativa. As duas (re)contam, narram. Falam sobre fatos, acontecimentos, sobre a realidade. Ambas têm personagens, tramas e enredo na urdidura de sua construção. A tessitura literária e a tessitura histórica muitas vezes se misturam, confundem-se, têm suas fronteiras muito próximas, de difícil delimitação e demarcação (SILVA, p. 02, 2009).

A problemática surge no sufocamento da identidade indígena, quando Alencar cria um herói nacional, mas não segue a sua fidelidade histórica, pois o belo o envolve, tem em consequência a degradação da imagem indígena, principalmente da mulher, que perpetua até a atualidade, referimo a estereótipos que dominam a visão sobre estes grupos étnicos, tais como a

noção de que estes permanecem inerentes ao tempo e as evoluções tecnológicas das sociedades que os rodeiam, esperasse assim, desde Alencar ou até mesmo antes, um indígena inocente, desnudo e puro, assim como as descrições europeias desde a colonização, e sequer estas seguiam as fidelidades históricas, ao mesclar a literatura com a história, no objetivo de criar uma identidade nacional, José sufoca a identidade verdadeira, mesmo que tentasse trazer os bons aspectos indígenas, mesmo que a intenção tenha sido boa, ele se atenta ao belo, degrada a imagem indígena, reforçada até hoje, e sufoca toda a imensidão de características étnicas destes povos:

Na defesa de autonomização radical da literatura, lembrou-se que ela se objetiva na construção de uma totalidade artística, tendo como único paradigma o belo, e que a história, ao contrário, impõe-se através da confrontação do explicado (teoria) com o analisado (objeto). Já que constitui análise concreta de situação concreta. Na historiografia, a beleza é atributo excedente; na ficção, a veracidade não é sequer qualidade marginal (MAESTRI, p.40, 2002).

Literatura refere-se então ao belo, mesmo que alguns literários tenham gostos peculiares ao exemplo de Augusto dos Anjos, ou até se utilizem de seus livros para construir críticas sociais como no Realismo, há a tendência de se criar um novo fictício e belo, enquanto a História trata da análise das ações humanas através do tempo, ou seja, ambas podem construir narrativas, semelhantes ou não sobre ocorridos, neste caso chamamos a primeira de romance histórico e a segunda de história oficial, entretanto Ubirajara assim como demais obras de Alencar, não é um romance histórico, pois não apresenta um fato para se basear, ao menos não um comprovado, não há fontes que afirmam a existência da guerra entre os Tocantins e os Tapuias, sequer conheço a existência de uma tribo chamada Tocantins, porém não me cabe neste artigo confirmar a veracidade para classificar ou não Ubirajara como romance histórico.

Então a obra perde um pouco da sua interação com a história, mas não deixa de afeta-la, sendo importante a partir do momento em que o povo a lê, pois nesta hora os leitores criam uma nova visão sobre os indígenas, verdade é que esta nova identidade diminui a ideia de que eles eram selvagens e bárbaros, assim como a noção do nativo ingênuo, mas a nova identidade traz alguns pontos não tão positivos, para a época pode-se ter surgido várias questões que variam desde as futuras tentativas de inserir o nativo na sociedade até a noção estereotipada de que o mesmo não deveria assumir características de outras sociedades, ambos imaginários permanecem na atualidade, é comum levar crianças das escolas para visitar aldeias indígenas e se deparar com a visão de um indígena imutável que se equivaleria aos nativos de 1500 em personalidade, costumes e cultura, desta maneira surge a contradição, devemos integra-los a sociedade e ao mesmo tempo se enche com palavras o indivíduo de antecendência indígena que usa tênis Nike ou um celular.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e

dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional (POLLAK, p.05, 1989).

Tratando-se assim de uma memória duplamente violentada, a primeira imagem indígena é forjada pela imposição colonial e ridicularizada, desde este ponto a memória indígena já é subalterna, já a segunda imagem, criada pelo romantismo brasileiro, dá representação ao indígena de maneira errada, causando assim uma leva de estereótipos, criando e atribuindo uma identidade que sequer é indígena ou brasileira, e sem que haja espaços de voz suficiente para estes povos se manifestarem, estão fadados a passarem mais gerações sendo subalternos.

O movimento

Os romances indianistas fizeram algo visionário para sua época, permitiram a visibilidade sobre uma cultura muito ignorada, trazendo o indígena como protagonista de sua própria história, ainda que de forma rasa e romântica, Alencar fez algo inovador e corajoso, talvez o melhor que um literário possa ter feito com as discussões e cultura de sua época, afinal acredito que poucos estereótipos eurocêntricos foram combatidos nestes tempos, esclareço que este tópico não pretende comparar os movimentos sociais às obras de Alencar, sequer refere-se à Ubiraja, o presente capítulo refere-se unicamente aos progressos nas discussões e na visibilidade indígena no decorrer do último século, assim este artigo traça as lutas e a representatividade destes povos ao longo de três séculos.

O movimento indígena se inicia na América latina na década de quarenta, refiro-me ao movimento organizado que se inicia com o primeiro Congresso Indigenista Americano, movimento que trouxe à tona as lutas pelos direitos dos mesmos, em consequência da atuação do movimento, os povos nativos brasileiros se unem de forma organizada na década de setenta, marcando especialmente pela resistência a invasão de suas terras pelo expansionismo da ditadura brasileira, vindo a eleger um deputado indígena cerca de uma década depois, suas lutas já são antigas e ainda assim, meramente conhecidas.

O movimento consiste numa luta constante por terras, mas de modo amplo, se procura também pela educação e saúde, sendo estes específicos para estes povos, assim não é suficiente a educação do branco, a mesma deve ser pensada e disseminada com o auxílio e aprovação daqueles que a requerem, de mesmo modo se dá a necessidade de acesso à saúde, e ainda há uma necessidade, que é reconhecimento, de forma social, seus costumes e sua cultura devem permanecer, e além de sobreviver, precisam ser notados, vistos, incluídos e reconhecidos.

Conhecer uma nova imagem sobre um indivíduo já conhecido vai além de apenas inclui-lo como personagem atuante na sociedade, trata-se então de dois aspectos divididos, o primeiro trata-se de reconhecer os indígenas como cidadãos efetivos enquanto o segundo refere-se a reconhecer sua cultura e seu povo de modo a lhes tratar como iguais, para este último é necessário construir uma nova imagem e representa-la, aqui se cabe a luta pela imagem ao qual me

refiro neste artigo, assim tenta-se erradicar duas visões e suas subdivisões, tanto a do indígena selvagem antropofágico quanto a do "bom selvagem", afinal ambas criam vastos imaginários sobre uma figura que nunca existiu fora da imaginação, ressalto então a importância da imagem presente no imaginário alheio.

Como denotado durante o artigo, a identidade mais afetada pelo romantizar fora a da indígena mulher, em si romantizar o feminino já se trata de uma degradação, entretanto para as mulheres europeias, esta figura subalterna já lhes cabia e agradava à séculos, mas transformar a imagem destes povos sem que houvesse consentimento ou necessidade, trás ao imaginário popular uma indígena que nada é senão uma donzela europeia, sequer poderiam elas para a época terem lido Ubirajara e compreender o impacto desta imagem para sua cultura, assim passou-se um século sem que fosse discutido o impacto da literatura na imagem indígena, afinal os movimentos indígenas estão ocupados lutando pelos básicos de seus direitos.

Frente à degradação desta identidade feminina, apresento o movimento do Feminismo Indígena, que se diferencia do Feminismo com aspectos um tanto diferentes, suas principais reivindicações são a representatividade da mulher nas lutas pelos direitos indígenas, a retomada de suas terras, educação e saúde pertencentes às tribos e de fácil acesso, estas características se fazem comum nos movimentos indígenas, contudo a maior luta ocorre nas ruas, onde primeiro se luta para ir as ruas, para depois exigir seus direitos junto com demais membros, em suma a principal reivindicação consiste no desejo da mulher de participar dos protestos, como podemos ver com o seguinte trecho:

De ahí que las ideas de las mujeres indígenas acerca de sí mismas, construidas en diálogo con otras mujeres de su comunidad, para comprenderse y para impulsar una mejora de las condiciones de vida (una buena vida) de las mujeres y las niñas de sus pueblos, según la revisión propia de sus costumbres -lo que me atrevo a nombrar *teorías del feminismo indígena*- tienen diversas formulaciones y expresan muchos matices y tendencias.

La vida de las mujeres indígenas no se realiza únicamente en comunidades agrícolas, en un territorio autónomo donde la propia convivencia es parte de una tradición colectiva. Sin embargo, sería reductivo dividir los feminismos indígenas entre comunitarios y urbanos (GARGALLO, p. 15, 2012).

Consistindo então nesses direitos, o feminismo indígena se baseia na participação de todas, reivindicações especialmente ligadas a seus filhos, como educação e saúde se tornam suas preocupações, e seu espaço de voz se ganha com as manifestações, trago assim como exemplo o dia 12/08/2019, onde cerca de trezentas mulheres indígenas ocuparam a Funasa (Fundação Nacional de Saúde) em Brasília, onde houve do dia 10 ao 14 a Marcha das Mulheres Indígenas, Celia Xakriabá que faz parte da organização do evento, declara que ao ocupar o prédio tinham o intento de contatar Silvia Waiãpi, que é chefe da secretaria do Sesai (Secretaria Especial de Saúde Indígena), Silvia é uma indígena militar que foi escolhida para o cargo pelo atual governo Bolsonaro, mesmo com a presença massiva destas trezentas mulheres, a chefe da secretaria não as atendeu, o movimento indígena acusa o governo de se utilizar

da secretária para alterar as políticas de saúde, a ocupação reivindicou e manifestou-se em especial para ter uma saúde digna e de qualidade.

Para além do feminismo indígena, estão presentes as lutas de mulheres que são chefes de suas tribos, ao exemplo de Sônia Guajajara, chefe da tribo Guajajara, sua história pode ser contada de modo simples, breve e fascinante no livro "50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer" de Débora Thomé, chefe da tribo é reconhecida especialmente pelas lutas no Movimento Indígena, mas que por ser mulher também se faz significativa para o Movimento Feminista Indígena, no ano passado lançou sua candidatura para vice-presidente em conjunto com Guilherme Boulos o então líder do MTST (movimento dos trabalhadores sem teto), tentando assim uma maior representatividade indígena, em si Sônia é liderança que muito luta pelos direitos dos povos indígenas do nordeste, e uma das mulheres memoráveis para o Brasil e para a nossa geração.

Las exigencias fundamentales de los movimientos sociales indígenas, desde finales del siglo XX, han sido el reconocimiento y el respeto de sus derechos como sociedades étnicamente diferenciadas –derechos políticos, territoriales, culturales, económicos y sociales–, la afirmación de su identidad étnica, y la demanda de una reparación histórica por la responsabilidad objetiva del Estado en los daños causados a través de siglos de ocupación de los territorios indígenas. Dichas reclamaciones, discursos y demandas significan un desafío para el Estado y la sociedad brasileña, con respecto de sus certezas, su proyecto de democracia "moderna" y su historia. Estos desafíos no son exclusivos de Brasil, sino que forman parte del programa de las sociedades multiculturales (PACHECO, p. 34, 2013).

Deste modo as lutas dos movimentos indígenas não estão tão separadas quanto a de demais movimentos da atualidade, talvez por sua recente existência, ou por questões básicas que ainda não foram resolvidas, afinal é necessário que seus direitos básicos sejam atendidos para que o movimento feminista em especial possa se aprofundar em reivindicações específicas para as mulheres, mesmo que já a façam através das demandas por saúde e educação, são povos que lutam muito por seu espaço de fala e de presença cultural, dividem a sua memória e sua tradição de modo a permanecerem existentes. A batalha destas mulheres se fortalece justamente por suas características próprias, de modo a não se identificarem com o Movimento Feminista, faz-se necessário ser mulher e ser indígena para compreender como é ser forte, como características de movimento, quanto mais oprimido ou subalterno mais presente é o sentimento de pertencimento e de luta, assim não o tento descrever, pois nada seria além de uma descrição tola de um indivíduo de outra sociedade, então mesmo se tentasse, não poderia transcrever o sentimento de pertencimento destes povos.

Atualmente há muitos escritores indígenas capazes de proporcionar uma literatura e uma descrição fiel e interessante, não sendo obras de difícil acesso, desta maneira eles buscam seus espaços de voz fornecem uma representação única de sua cultura, alguns muito reconhecidos a exemplo de Eliane Potiguara e Daniel Munduruku, que também são exemplos de indígenas que construíram

seus espaços no mundo acadêmico das universidades, assim temos uma literatura indígena que é escrita a partir do encontro com outra cultura, é o subalterno forçando espaços no mundo contemporâneo, pois se não o fizesse, jamais seria publicado, fato é que poucas literaturas são escritas e publicadas em línguas originais indígenas, sendo de difícil acesso para os mesmos.

Considerações finais.

Considero então que nenhuma literatura que se atreva a descrever uma cultura sem que o autor pertença à mesma seja o suficiente para retirar desta uma fonte histórica fiel, se assim o fizer deve-se relatar em seguida sua possível insuficiência de descrição ou para completa-la se utilizar de uma segunda fonte que seja subalterna, confirmando ou não a eficiência da primeira, afinal por mais objetiva que seja a etnografia, sempre há traços culturais da visão do autor.

Esclareço o título do artigo "História e literatura: problematização da imagem indígena em Ubirajara", História e literatura, como já analisado, são ramos distintos com narrativas semelhantes, com a diferença entre o real e a representação do irreal, neste aspecto este artigo se faz importante por trazer esta reflexão e compreende-la enquanto formadora do imaginário social, e problematiza-la quase dois séculos depois é o mínimo que cabe ao ramo das ciências sociais, na esperança de assim ajudar a compreender um dos fatores que integram a visão estereotipada da sociedade atual, o trabalho do historiador é assim trazer este aspecto para o mundo atual, afinal a identificação destes povos continuou submersa nos relatos externos. O título não implica o sentido de julgar Alencar, mas denuncia a continuidade da degradação da imagem indígena, cabendo ao leitor acreditar ou não na cumplicidade do autor da obra, mas o escritor não é um opressor, e sim um literário guiado pela emoção de suas obras, talvez se houvesse para a época as discussões que envolvessem a problematização em descrever outra sociedade, o autor teria escrito seus livros de forma diferente, talvez abandonando seu romantismo, ou sequer os teria feito.

Declaro que toda tentativa de criar uma identidade nacional em âmbito americano foi falho, é fato que as nações foram criadas com êxito, mas refiro-me à falha no sentimento de pertencimento, as tentativas de criar o sentimento patriota continuam entre nós, inclusive entre meios indígenas, no entanto não somos um só povo, e somente o reconhecimento de toda essa riqueza e diversidade poderá nos unir, ao contrario disto, a pátria amada continua branca e colonizadora.

Ressalto ainda que este artigo não critica ou difama o autor José de Alencar ou as suas obras indianistas, o objetivo específico deste é demonstrar através de uma análise literária como os indígenas foram representados pela literatura e como os mesmos conseguiram se representar mais tardar com suas lutas sociais, o objetivo geral contudo é problematizar as relações entre literatura e história, de modo que compreendemos os impactos massivos que a segunda pode ter para a sociedade, entendemos então a necessidade de uma se integrar às discussões de representatividade da outra, de modo que, em casos semelhantes à Ubirajara, o escritor possa repensar os meios culturais que

está empregando aos seus personagens, impedindo assim contradições entre ambos os ramos, não devemos juntar nossas narrativas, mas devemos colaborar para que ambas levem o melhor até as sociedades vindouras.

Ao observar a quebra da identidade indígena, ainda mais quando se refere às mulheres, trazemos reflexões valorosas e algumas vezes críticas, os livros de ficção são uma porta para um mundo incrível e desconhecido, muitos podem se encaixar com a vida real, porém se deve a consciência de que livros como o Ubirajara não pertencem ao factual, e algumas vezes as representatividades que estes espõem exprimem mais da sociedade que o escreveu do que a sociedade a que se refere, tornando-se uma visão tola de uma realidade desconhecida, a obra em si serviu muito para os leitores de sua época, infelizmente reforçou aspectos de uma civilização e de um patriarcado nem sempre existentes, porém creio que o ponto mais interessante sempre foi e será a representatividade da mulher num todo, indígena ou não, o imaginário da atualidade continua referindo-se a mulher com viés de procriação, Ubirajara traz então aspectos românticos que envolvem o casamento e a castidade, no entanto traz um aspecto único que é a poligamia, o herói da história em toda sua masculinidade despoja de duas mulheres que zelam por seu matrimônio patriarcal, assim a obra se carrega de degradações que devem ser refletidas.

Referências

- ALENCAR, José de. Ubirajara, Editora Tecnoprint S.A, Rio de Janeiro/RJ, 1998.
- DA SILVA, Cristiano C. G. Entre a história e a literatura: as múltiplas letras, os múltiplos tempos, os múltiplos olhares em Graciliano Ramos. *Fênix-revista de história e estudo culturais*, V.4, N.4. outubro/novembro/dezembro, 2009.
- GARGALLO, Francesca. *Las diversas teorías y prácticas feministas de mujeres indígenas*. Ed. Desde Abajo, Col. Pensadoras latino-americanas, 2012.
- MAESTRI, Mário. História e romance histórico: fronteiras. *Novos Rumos*, Ano. 17, N.36, 2002.
- MAGALHÃES, Wallace Lucas. O imaginário social como um campo de disputas: um diálogo entre baczkó e bourdieu, *Revista de história*. Albuquerque, vol. 8, n. 16. jul.-dez./2016.
- PACHECO, Isabela. APARECIDA, Rosely. La actuación de la mujer indígena guaraní kaiowá en las reivindicaciones territoriales, *Revista de Ciencias Sociales*. Num. 45, Quito, enero 2013.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.